

# Apresentação

Sitiados, quando não tragados, pela voragem do vírus da Covid-19 que ameaça nos devorar, muitos foram os que tomaram mundo afora. A nós, que, felizmente, estamos entre os escapados desse flagelo, resta tocar o barco, num momento em que, apesar de todos os pesares que nos rondam, “navegar é preciso”. Daí entregarmos aos nossos leitores mais um número da *ArtCultura*.

Não podemos, no entanto, cerrar os olhos ante a extensão da gravidade da situação que se abate sobre o Brasil, num período marcado por tantas esperanças de sobrevivência confiscadas. Numa edição em que sobem ao primeiro plano editorial as relações entre História & Literatura, é mais do que oportuno reiterar, aqui, a fala de Raí, ex-jogador brasileiro de futebol, multicampeão paulista, nacional e mundial pelo São Paulo, Paris Saint Germain e pela seleção brasileira. Num artigo recente, publicado no *Le Monde*, ele descarregou todo o seu inconformismo com a necropolítica orquestrada pelo governo federal e lançou pontes seguras entre o quadro sombrio do país e a narrativa pungente do escritor franco-argelino Albert Camus, autor de *A peste*, obra de 1947. Sem meias-palavras, o craque, põe, então, o dedo na ferida:

*Além da peste biológica, epidemia pessimamente gerida, causadora da maior crise sanitária da história do Brasil, temos outro mal, que no longo prazo pode deixar terríveis sequelas ainda mais profundas. A peste antidiplomática que nos isola, a peste que corrói a Amazônia, o meio ambiente e persegue os que a protegem, o mal que distancia a vigilância e permite passar a boiada, aceita garimpos em reservas indígenas, que prefere troncos deitados a vê-los em pé, vivos, pragas cúmplices dos responsáveis por estes crimes. Também a peste que castra liberdades, ameaça a democracia e resgata a censura, a peste preconceituosa que promove a intolerância, a homofobia, o machismo e a violência.<sup>1</sup>*

E Raí, como quem adentra na grande área para disparar um chute certo contra a meta adversária, prossegue ao deplorar o negacionismo da ciência e outra dimensão dessa peste tentacular “que promove o ódio, inimiga das artes e da cultura”. Retoma Camus, literalmente: “diz-se então que o flagelo é irreal, que é um sonho mau que vai passar. Mas nem sempre ele passa e, de sonho mau em sonho mau, são os homens que passam?” Clama, na sequência, pela reação diante desse estado de coisas que institucionaliza “um massacre humanitário, desnecessário, com centenas de milhares de mortes evitáveis”. A mensagem de Raí é, sem dúvida, mais um sinal de alerta que se aciona para fazer cair as viseiras dos que, embalados por ideias puídas pela desrazão, insistem em querer girar a roda da história para trás.

Neste contexto, a *ArtCultura* 42, nesta época em que o Brasil se converteu numa espécie de pária internacional, abre-se para acolher contribuições de

---

<sup>1</sup> RAÍ. “A peste” brasileira. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2021/05/14/a-pestes-brasileira.htm>>. Acesso em 15 maio 2021.

procedência variada. Começa com Carlo Ginzburg, historiador italiano de lastro global, integrante do nosso conselho consultivo, e se espraia pela Inglaterra, Estados Unidos e diferentes cantos do país. Aliás, alegra-nos constatar que, apenas nos últimos meses, recebemos demandas de publicação da Argentina, Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Iran, Itália, Peru, Portugal, Rússia, Suíça, Turquia e Ucrânia, como quem rompe com a política isolacionista vigente entre nós.

Os 18 textos desta edição se distribuem pelas seções Tradução, Documento, dossiê História social da literatura, Artigos, Primeira mão e Resenhas. Mais especificamente no dossiê, englobam-se 10 colaborações que acenam com uma ou mais perspectivas de análise, entre outras possíveis, na conjugação da prática historiográfica com a produção literária.

Por último, impõe-se um registro. Em 2021, completam-se 15 anos ininterruptos de nossa parceria com Eduardo Warpechowski (Edu, para os íntimos). Sua parcela de contribuição para a *ArtCultura* é inestimável. Diagramador e programador visual de mão-cheia, ele é, em larga medida, responsável pela feição que a revista assumiu ao longo do tempo. Suas capas e as imagens que a compõem, produto de entendimentos entre a editoria e o Edu, tornaram-se objeto de desejo de muita gente que, confessadamente, aguarda pelas boas-novas a cada número. Seu toque bossa-novista, fiel ao princípio de que o menos é mais, contagia as edições de cabo a rabo. Por isso tudo, sem falar aqui de sua *finesse* no relacionamento pessoal, fazemos questão de externar nossos agradecimentos a ele, que, de quebra, é mestre em História pela UFU, com pós-doutorado em inventividade. A você, Edu, muitos e muitos anos jobins.

*Adalberto Paranhos*  
*Kátia Rodrigues Paranhos*  
Editores de *ArtCultura*